



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Evânia Maria Ferreira do Nascimento

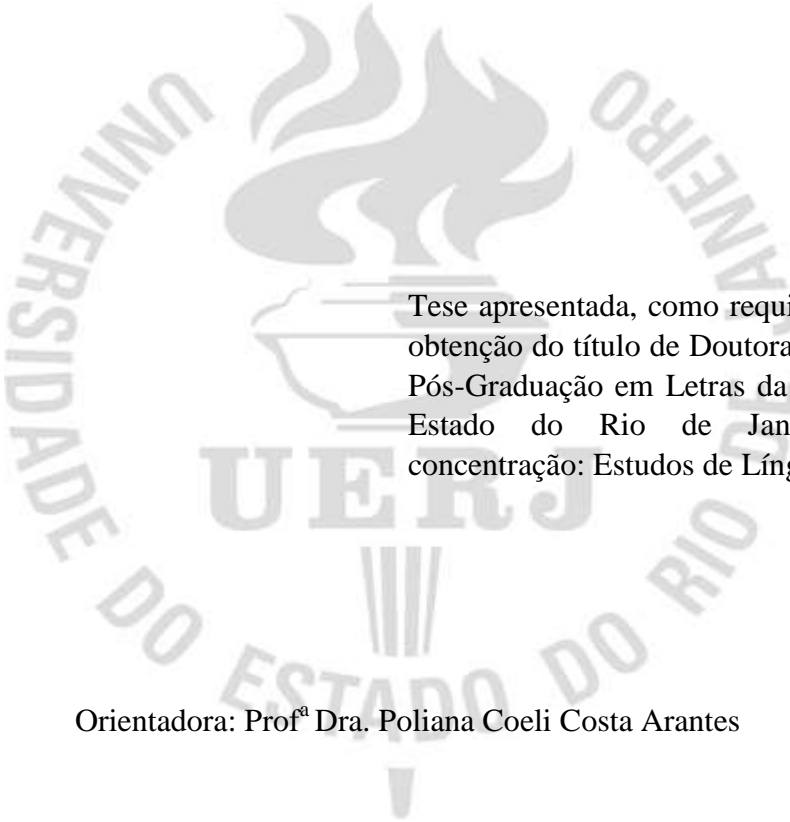
**Cartografias dos saberes em disputa, trabalho docente e BNCC em
materiais didáticos de grandes redes de ensino**

Rio de Janeiro

2023

Evânia Maria Ferreira do Nascimento

**Cartografias dos saberes em disputa, trabalho docente e BNCC em materiais didáticos
de grandes redes de ensino**



Tese apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^ª Dra. Poliana Coeli Costa Arantes

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

N244	<p>Nascimento, Evânia Maria Ferreira do Cartografias dos saberes em disputa, trabalho docente e BNCC em materiais didáticos de grandes redes de ensino / Evânia Maria Ferreira do Nascimento. – 2023. 258 f.: il.</p> <p>Orientadora: Poliana Coeli Costa Arantes. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Análise do discurso - Teses. 2. Material didático - Teses. 3. Neoliberalismo – Teses. 4. Base Nacional Comum Curricular – Teses. 5. Educação – Teses. 6. Professores – Teses. I. Arantes, Poliana Coeli Costa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p>CDU 82.085</p>
------	---

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Evânia Maria Ferreira do Nascimento

**Cartografias dos saberes em disputa, trabalho docente e BNCC em materiais didáticos
de grandes redes de ensino**

Tese apresentada, como requisito parcial, para
obtenção do título de Doutora, ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Área: Estudos de
Língua.

Aprovada em 15 de agosto de 2023.

Banca examinadora:

Prof^ª Dra. Poliana Coeli Costa Arantes (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª Dra. Janaína da Silva Cardoso
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Rodrigo da Silva Campos
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª Dra. Camilla dos Santos Ferreira
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª Dra. Viviane Conceição Antunes
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, autor da minha vida e que permitiu que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Minha primeira manifestação de agradecimento direciona-se a Deus, porque sem Ele eu não estaria nem aqui. A negação dupla é proposital, porque reconheço que minha vida não existe fora dele. Obrigada, Senhor, por me permitir viver mais do que eu poderia imaginar, apesar de uma endometriose no meio do caminho. Nesta jornada que está perto do fim, se eu for aprovada pela banca, outras pessoas tiveram especial importância para que ela tão simplesmente se iniciasse.

Professora Viviane Antunes ou, como ela se deixa capturar pela intimidade característica dos suburbanos e periféricos, Vivi, eu te agradeço por muitas de suas práticas discursivas, mas em especial, por um dia ter me falado “É... ter uma mãe doutora pode fazer bastante diferença!” E acho que tem feito, mas na época eu nem pensava na repercussão que um possível título poderia gerar na vida da Letícia, até porque eu ainda estava amadurecendo a ideia de participar da seleção para o mestrado. Mas quem tem o dom da maestria, que é dado por Deus, vê longe, e vê coisas que a gente não enxerga, ou resiste a acreditar. Obrigada por fazer parte de tudo isso, não só como membra da banca examinadora, mas como uma pessoa que se faz amiga, que mesmo estando ocupada – muito ocupada – a maior parte do tempo, encontra tempo pra demonstrar a importância que têm as pessoas com quem você se importa. E seus alunos e alunas importam, importam tanto que se transformam em amigxs, e isso é muito valioso!

Poli, a doce Poli, obrigada por me aceitar novamente como orientanda e pela delicadeza e afetuosidade em todos os comentários e maneiras de se dirigir a nós: querida Evânia... Você tem muito do que eu me orgulho de invejar, se é que a inveja é algo do que se possa se orgulhar. Mas eu me refiro ao seu trato com as pessoas, ao seu acolhimento nos momentos de incerteza e angústia. Caminhar ao seu lado é um privilégio. É com este afeto que eu quero me constituir professora cotidianamente com e para meus estudantes.

Agradeço às professoras e ao professor componentes da banca examinadora, Camilla Ferreira, Janaína Cardoso, Viviane Antunes - novamente - e Rodrigo Campos, por exercerem o magistério com dignidade, compromisso e generosidade. Eu sempre falo em generosidade, porque não é inerente a todo docente oferecer algo tão caro e escasso atualmente: o tempo. Tempo para aceitar compor uma banca avaliadora de um trabalho cujo tema nem dialoga tanto com seu interesse de pesquisa, tempo para ouvir as ideias da ainda provável candidata ao processo de seleção ao doutorado, tempo para ler o texto e fazer sugestões que contribuam com o crescimento da pesquisadora e da pesquisa, enfim, obrigada pelo seu tempo e por

partilharem o que não cabe numa apostila, porque é “imprecificável” e, por isso, impagável: o conhecimento.

Também dirijo um agradecimento especial às professoras e professores com quem compartilhei mais do que conhecimentos, porque dividimos, ao longo dos períodos letivos de 2020 e 2021, as angústias do ensino remoto: Décio Rocha, Poliana Arantes - de novo - Tânia Câmara, Sandra Bernardo, Bruno Deusdará, Davi Pessoa, Dörthe Uphoff. Agradeço também aos companheiros doutorandos e mestrandos pela ajuda mútua que empreendemos durante a caminhada. Já sinto saudade do grupo de orientandos da Poliana no qual pude realizar tantas trocas de saberes e não-saberes também (ah, o texto de Ducrot...). Dentre essas companheiras, não posso deixar de demonstrar gratidão especial à Luísa Perissé. Obrigada, Lu, pelas conversas, por ouvir meus áudios ao estilo podcast, pelo incentivo, por partilhar comigo sua paixão por Camila O’Gorman, por tudo que construímos como parceiras de pesquisa.

Às amigas e amigos que, inseridos ou não no universo acadêmico, reconhecem a importância de valorizar e incentivar o outro simplesmente por amá-lo. Obrigada, Ana Beatriz Simões, Georgia Manguera, Roberto Lanes, Arthur Rezende, Neyse Carvalho, Ju Rettich. Me sinto uma amiga muito amada por vocês. Ter amigos é um presente que a vida nos dá e há amigos mais chegados do que irmãos. Lucia Barcia, você é uma dessas amigas com quem partilho a vida há quase vinte anos. Obrigada por me ajudar a acreditar em mim, pelas palavras de afeto e correção sempre que necessário, por se orgulhar de mim e dizer isso sem reservas. Você é uma inspiração pra mim, um exemplo dos muitos papéis que desempenha e, agora, uerjana também! Todo seu encorajamento durante esse processo foi apenas mais um dentre outros tantos que vivenciamos juntas. Obrigada.

Agradeço também às companheiras e companheiros do departamento de espanhol do Colégio Pedro II, que apoiaram a caminhada de mais uma colega na estrada acadêmica. Estendo meus agradecimentos às servidoras e servidores do Colégio Pedro II, especialmente aos membros da CPPD e colegas em cargos de chefia, que operacionalizaram as etapas burocráticas para oportunizar meu afastamento para os estudos, sem o qual teria sido bem mais custoso chegar a este momento.

Também agradeço ao pastor Fábio Alves e à pastora Ana Paula Kelly pelo apoio espiritual e orações durante esta etapa final do processo. E, finalmente, agradeço às minhas maiores intercessoras: minha mãe, Dona Nildinha, Letícia, minha filha e Aline Fernanda, minha irmã.

Deus cuida de mim por meio da vida de vocês. Obrigada!

RESUMO

NASCIMENTO, Evânia Maria Ferreira do Nascimento. *Cartografias dos saberes em disputa, trabalho docente e BNCC em materiais didáticos de grandes redes de ensino*. 2023. 258 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho teve como objetivo investigar o projeto de educação veiculado por materiais didáticos de grandes redes de ensino e os interesses subjacentes à sua produção e disseminação, apoiado em uma concepção teórico-metodológica cartográfica de pesquisa (BARROS; KASTRUP, 2009; DELEUZE; GUATTARI, 2000). Para tanto, analisou-se uma apostila de espanhol produzida pela Plataforma Eleva de Ensino e utilizada pelas chamadas escolas-parceiras, com alunos do terceiro ano do ensino médio em uma escola localizada na Baixada Fluminense. Os pressupostos da Análise do discurso, notadamente os conceitos de prática discursiva (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021; MAINGUENEAU, 2015) e semântica global (MAINGUENEAU, 2008), embasaram as discussões empreendidas. A partir de algumas categorias que, para Maingueneau (2008), concorrem para a construção de sentidos, foram analisadas as materialidades linguísticas que constituem a apostila, por meio das quais se constroem imagens de enunciador e de coenunciador, relevantes para identificar que projeto de educação linguística se pratica. O corpus de investigação reflete a visão institucional sobre línguas e seu ensino, revelando uma filiação à perspectiva gramático-normativa engajada no ensino dessa gramática como tendo um fim em si mesma. Além disso, a apostila descortina expectativas sobre o trabalho do professor numa dimensão normativa, que pode contribuir para a delimitação de sua criatividade na atuação dialógica e interativa em sala de aula. Percebe-se que subjaz à produção e disseminação desse tipo de material a lógica neoliberal, que objetiva o empresariamento do espaço público (OLIVEIRA, 2018) a fim de destituir o Estado de sua responsabilidade de oferecer serviços sociais gratuitos como direitos garantidos por lei (CARIELLO, 2020; FONTES, 2010; FREITAS, 2018), principalmente, à população com menos renda. A seleção de determinados conhecimentos em detrimento de outros, pelo enunciador Plataforma Eleva, também foi alvo de observação e foi analisada sob a ótica epistemicida (DE SOUSA SANTOS, 2018), uma vez que tal silenciamento ocorre de forma sistemática e intencional, invisibilizando não apenas saberes mas os sujeitos por quem e sobre quem são produzidos. As análises revelaram uma perspectiva homogeneizante e massificada de seleção de conteúdos, sistematizada e legitimada pela BNCC, que investe na prescrição do trabalho do professor e no apagamento de sua subjetividade.

Palavras-chave: material didático; sistemas apostilados; cartografia; BNCC; análise do discurso.

RESUMEN

NASCIMENTO, Evânia Maria Ferreira do Nascimento. *Cartografías de los saberes en disputa, trabajo docente y BNCC en materiales didácticos de grandes redes de enseñanza*. 2023. 258 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta tesis tuvo como objetivo investigar el proyecto de educación vehiculado por materiales didácticos de grandes redes de enseñanza y los intereses subyacentes a su producción y diseminación, apoyado en una concepción teórico-metodológica cartográfica de investigación (BARROS; KASTRUP, 2009; DELEUZE; GUATTARI, 2000). Para tanto, se analizó un cuadernillo de español producido por la *Plataforma Eleva de Ensino* y utilizada por las llamadas escuelas parceras, con alumnos del tercer año de la enseñanza media en una escuela ubicada en *Baixada Fluminense*. Los presupuestos del Análisis del discurso, especialmente los conceptos de práctica discursiva (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021; MAINGUENEAU, 2015) y semántica global (MAINGUENEAU, 2008), fundamentaron las discusiones hechas. Desde algunas categorías que, para Maingueneau (2008), concurren para la construcción de sentidos, se analizaron las materialidades lingüísticas que constituyen la *apostila*, por medio de las cuales se construyen imágenes de enunciador y de coenunciador, relevantes para identificar qué proyecto de educación lingüística se practica. El corpus de investigación refleja la visión institucional sobre lenguas y su enseñanza, revelando una filiación a la perspectiva gramático-normativa comprometida con la enseñanza de dicha gramática como si tuviera un fin en sí misma. Además, la *apostila* pone en relieve expectativas sobre el trabajo del profesor en una dimensión normativa, que puede contribuir para delimitar su creatividad en la actuación dialógica e interactiva en el aula. Se percibe que está subyacente a la producción y diseminación de este tipo de material la lógica neoliberal, que objetiva el *empresariamento* del espacio público (OLIVEIRA, 2018) a fin de destituir el Estado de su responsabilidad de ofrecer servicios sociales gratuitos como derechos garantidos por la ley (CARIELLO, 2020; FONTES, 2010; FREITAS, 2018), principalmente, a la población con menos renta. La selección de determinados conocimientos en detrimento de otros, por el enunciador Plataforma Eleva, también fue observada y se analizó bajo la óptica epistemicida (DE SOUSA SANTOS, 2018), una vez que tal silenciamiento ocurre de forma sistemática e intencional, haciendo invisibles no solo saberes como también los sujetos por quien y sobre quien son producidos. Los análisis revelaron una perspectiva homogeneizadora y masificada de selección de contenidos, sistematizada y legitimada por la BNCC, que invierte en la prescripción del trabajo del profesor y en el apagamiento de su subjetividad.

Palabras-clave: material didáctico; sistemas apostilados; cartografía; BNCC; análisis del discurso.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - PNLD 2020 - Reposição Ensino Fundamental Anos Finais Valores negociados por editora (livros impressos)	86
Quadro 2 - PNLD 2021 - Ensino Médio Valores negociados por editora (livros impressos)	86
Imagem 1 - Enunciado 1 - Mensagem à professora e ao professor.....	151
Imagem 2 - Enunciado 2 - Mensagem à professora e ao professor.....	152
Imagem 3 - Enunciado 3 - exercício 1 - capítulo 1	167
Imagem 4 - Enunciado 4 - gabarito do exercício 1 - capítulo 1.....	167
Imagem 5 - Enunciado 5 - exercício 1 - capítulo 4	167
Imagem 6 - Enunciado 6 - gabarito do exercício 1 - capítulo 4.....	167
Imagem 7 - Enunciado 7 - exercício 3 - capítulo 4.....	168
Imagem 8 - Enunciado 8 - gabarito do exercício 3 - capítulo 4.....	168
Imagem 9 - Enunciado 9 - exercício 3 - capítulo 8.....	168
Imagem 10 - Enunciado 10 - gabarito do exercício 3 - capítulo 8.....	168
Imagem 11 - Enunciado 11 - exercício 5 - capítulo 8.....	169
Imagem 12 - Enunciado 12 - gabarito do exercício 5 - capítulo 8.....	169
Imagem 13 - Enunciado 13 - exercício 1 - capítulo 10.....	169
Imagem 14 - Enunciado 14 - gabarito do exercício 1 - capítulo 10.....	169
Quadro 3 - conteúdo programático Espanhol - 3ª série do Ensino Médio.....	173
Imagem 15 - Enunciado 15 - Apostila Plataforma Eleva.....	174
Imagem 16 - Enunciado 16 - Apostila Plataforma Eleva.....	175
Imagem 17 - Enunciado 17 - Apostila Plataforma Eleva.....	176
Enunciado 18 - Apostila Plataforma Eleva.....	177
Enunciado 19 - Apostila Plataforma Eleva.....	177
Imagem 18 - Enunciado 20 - Apostila Plataforma Eleva.....	200
Imagem 19 - Enunciado 21 - Apostila Plataforma Eleva.....	201
Imagem 20 - Enunciado 22 - Apostila Plataforma Eleva.....	203
Imagem 21 - Enunciado 23 - Apostila Plataforma Eleva.....	204
Imagem 22 - Enunciado 24 - Apostila Plataforma Eleva.....	204
Imagem 23 - Enunciado 25 - Apostila Plataforma Eleva.....	205

Imagem 24 - Enunciado 26 - exercício 1 - capítulo 1.....	209
Imagem 25 - Enunciado 27 - exercício 3 - capítulo 2.....	209
Imagem 26 - Enunciado 28 - exercício 4 - capítulo 4.....	209
Imagem 27 - Enunciado 29 - exercício 4 - capítulo 5.....	209
Imagem 28 - Enunciado 30 - exercício 2 - capítulo 9.....	210
Gráfico 1 - Natureza das questões e uso de textos.....	211

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
1 O PROJETO NEOLIBERAL NA EDUCAÇÃO.....	25
1.1 Educação: um (bom) negócio.....	26
1.2 O papel da BNCC - ingerência da legislação na promoção de uma educação neoliberal	45
1.3 Livro didático e PNLD nas garras do mercado.....	68
2 SUPORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	94
2.1 A cartografia que conduz, não direciona.....	95
2.2 Uma concepção brasileira de Análise(s) do discurso	101
2.3 Semântica global – um dos suportes de análise.....	109
2.4 Epistemologias de epistemicídios.....	111
3 CAMINHOS ATÉ A ANÁLISE.....	117
3.1 Pesquisas em diálogo.....	118
3.2 Contextualização do objeto de pesquisa.....	124
3.3 Caracterização do objeto de pesquisa – o que é a Plataforma de Ensino Eleva?.....	133
4 PROCESSOS DE ANÁLISE.....	150
4.1 Prescrições, desqualificações e apagamentos: mensagem aos docentes, guia do professor e gabarito comentado	151
4.2 Abordagem do conteúdo: construção de imagens e de epistemicídios.....	172
4.3 Treinamento, adestramento ou reflexão? O que promovem os exercícios?	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	220
REFERÊNCIAS.....	226
ANEXO A - Empresas associadas ao Grupo Somos Educação	236
ANEXO B - Depoimentos de pessoas selecionadas pela instituição “Vamos”	237
ANEXO C - Calendário Simulados 2019	238
ANEXO D - Sincronia de módulos	239
ANEXO E - Circular Simulado Eleva	240
ANEXO F - Quantidade de questões por disciplina	241

ANEXO G - capítulo 15 – exercícios 1 e 7	242
ANEXO H - capítulo 18 – exercício 4	244
ANEXO I - capítulo 19 – exercícios 4 e 5	245
ANEXO J - capítulo 20 – exercícios 3 e 4	247
APÊNDICE A - Quadro sobre os boxes de aprofundamento	249
APÊNDICE B - Quadro sobre a relação entre texto e imagem	252
APÊNDICE C - Quadro exercícios plagiados	258

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta introdução teve vários começos - algo comum em trabalhos acadêmicos - durante o necessário e quase sem fim processo de escrita-reescrita-reelaboração. Iniciei esta parte do trabalho, na qual comumente se pretende situar o leitor sobre a temática a ser investigada, como se deu seu surgimento, justificativa e conseqüente relevância, contando uma história, a minha história, parte da minha trajetória como docente de língua espanhola e atuante em outros papéis sociais.

Entretanto, algo de certo modo fixado em minha memória causava-me uma insegurança incômoda que me levou a reflexões e impasses: falar de si mesma é compatível com o discurso acadêmico-científico? Como cumprir a agenda do distanciamento do texto, do objeto, para garantir a suposta neutralidade exigida no território acadêmico e contar uma história pessoal ao mesmo tempo? Que percepções teriam os leitores ao ter sua expectativa de tipo textual, de certa forma, rompida logo no início da leitura? Avançando na problematização, questiono: teriam esses leitores um modelo textual-acadêmico previamente esperado?

De qualquer forma, não saberia como dizer a verdade de outro modo, ou seja, sem me expor no texto, afinal, todos os acontecimentos a partir dos quais emergiu o tema de pesquisa me afetaram, e não tenho como falar do surgimento deste trabalho sem falar de mim, ou falar em terceira pessoa, distanciando-me de mim mesma. No exame de qualificação deste texto, uma das membras da banca avaliadora me provocou à reflexão, pois, pelo fato de ser esta uma pesquisa de cunho qualitativo, o excesso de justificativa para a escolha da primeira pessoa poderia soar como um pedido de desculpas, naturalmente desnecessário considerando a perspectiva teórica em que se insere o trabalho. E, ao refletir sobre isso, considerando também as hesitações do parágrafo anterior, entendo que esta parte - de justificativas, não de desculpas - é, talvez, mais necessária para mim mesma do que para os leitores, porque ainda estou em processo de libertação das “verdades” teóricas que foram disseminadas durante boa parte da minha trajetória acadêmica.

Nesse percurso, as ideias positivistas, relacionadas a vários campos do conhecimento, sempre ressoaram como parâmetros únicos na construção dos saberes, e foi essa a causa da insegurança e que, na minha concepção, também poderia afetar a produção de sentido dos leitores ao ler um texto que se propõe acadêmico e, portanto, expositivo/argumentativo, mas que traz características do tipo textual narrativo. A partir das premissas científicas,

instituiu-se que a pesquisa verdadeira e/ou de qualidade é aquela o mais desprovida possível da interferência do pesquisador. É a pesquisa “isenta”, em que se pressupõe existir um mundo externo ao pesquisador, no qual paira o objeto, aguardando ser observado, investigado, a partir do qual se produzirão resultados, com o máximo de neutralidade, já que, nessa perspectiva, pesquisador e objeto são instâncias separadas, logo, diferentes no mundo.

Contudo, nesta tese não há, em absoluto, a intenção do exercício de neutralidade, porque não acredito que isso seja possível. Se houvesse, uma grave falha seria a escolha discursiva organizada em torno da primeira pessoa do singular, opção que faz parte da visão sobre produção de pesquisa e de texto científico construída por - e com - um grupo de professores da pós-graduação em Letras-Linguística da UERJ - Bruno Deusdará, Décio Rocha e Poliana Arantes, coordenadores do grupo de pesquisa Análise Cartográfica do Discurso (ANACARDIS). Eles defendem que o texto acadêmico deve ser vivo, não tem que obedecer a uma formatação prévia ou padronização, porque isso contribui para a mecanicidade do texto e para a sustentação de estereótipos nos quais se aprisionam esse tipo de texto (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021).

Assumo esta opção não como uma expressão da vaidade de concluir que o texto apenas pertence a mim. Pelo contrário, este trabalho tem coautoria coletiva, resulta de muitos encontros com diferentes subjetividades, materializadas em corpos, discursividades orais e escritas que há algum tempo felizmente me atravessam. Minha opção de utilizar a primeira pessoa, em muitas partes do texto, se dá em virtude de não conseguir me dissociar do exercício da pesquisa e da prática da escrita; logo, qualquer tema sobre o qual eu discorra vai estar repleto de mim mesma. Antecipo, portanto, parte da perspectiva teórico-metodológica assumida neste trabalho no que se refere à relação estabelecida entre pesquisadora, objeto e escolhas discursivas, que estão em consonância com a implicação.

Desse modo, não sou capaz de alcançar a neutralidade como forma de encaminhamento deste trabalho acadêmico, especialmente levando em consideração o conceito de polifonia, que torna nosso discurso impossível de ser acabado, e o aspecto dialógico da linguagem, sob o qual qualquer sentido se produz em conjunto, estabelecendo conexões com as diferentes vozes de incontáveis enunciados aos quais nos vinculamos. Para Bakhtin (1992, p. 318), “nosso próprio pensamento - nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes - nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento”.

Retomo as palavras de Cristóvão (2021, p. 104) para quem a neutralidade e objetividade, características do Positivismo, “são, em síntese, parâmetros de ação social que

advogam por uma posição livre de preferências, escolhas e posicionamentos pessoais/subjetivos”. Entretanto, ainda que não haja, segundo o autor, unanimidade quanto ao abandono da neutralidade como parâmetro, no âmbito acadêmico-científico, situo-me no grupo dos que compreendem o fazer acadêmico como indissociável da vida que se vive, afinal, o fazer acadêmico também é parte da vida.

Distanciando-me, portanto, de uma visão positivista de produção acadêmica do conhecimento, associo-me, assim como Magalhães (2018), a um projeto de escrita autoetnográfica, que ressalta a importância das experiências docentes, pois são dispositivos a partir dos quais se pode promover reflexões e produzir conhecimento de dentro do objeto pesquisado. Aproveito para introduzir o conceito de dispositivo, segundo Agamben, que será utilizado nesta tese. De acordo com o autor, dispositivo é

qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder e em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - por que não - a própria linguagem, que talvez é mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEN, 2005, p. 13)

Desse modo, experiências docentes e de vida são dispositivos que permeiam este texto e colocam em cena subjetividades que, reiteradamente, são produzidas em mim. Entretanto, reconheço que essa subjetividade, no discurso acadêmico, precisa ser utilizada com delicada moderação, e passo à contação da parte da minha história necessária à elucidação do lugar de onde falo e do surgimento processual da temática escolhida.

Eu sou a Evânia, mulher negra, periférica, protestante, estudante de escolas e universidades públicas durante a maior parte da vida¹, professora de língua portuguesa e de língua espanhola, mãe da Letícia e, à época da escrita deste texto, divorciada e moradora da Baixada Fluminense. Até abril de 2019, atuei prioritariamente como professora de língua portuguesa na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. Como já havia concluído a segunda graduação, estava habilitada a assumir turmas de língua espanhola, e o fazia quando havia necessidade de completar a carga horária exigida de 12 horas semanais de trabalho em sala de

¹ Até a conclusão das etapas que compunham o ensino primário (maternal, jardim e CA, 1ª a 4ª série) na década de 80, o árduo esforço de minha mãe me possibilitou estudar em uma modesta escola particular do bairro. Entretanto, ao final da 4ª série, descobrimos que o diploma expedido não tinha validade, pela ausência de registro do estabelecimento nos órgãos competentes. Para ingressar na 5ª série, em uma escola estadual, precisei ser submetida a uma avaliação e ser amparada por legislação específica da época (Art. 5º, Deliberação 13/76 CEE/RJ).

aula, em cada uma de minhas duas matrículas de 16h, na Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC). No início daquele ano, por necessidades financeiras, aumentei minha carga horária de trabalho e passei a dar aula de espanhol em uma escola privada localizada no bairro de Éden, São João de Meriti, município que faz parte da Baixada Fluminense. Fui muito bem recebida pela equipe de coordenação que logo tratou de me inscrever em um treinamento sobre o material didático² adotado pela escola, o qual me foi disponibilizado prontamente no mesmo dia do referido treinamento “para que eu fosse me familiarizando com ele”, conforme disse a coordenadora pedagógica.

Em conversa com outros professores da escola sobre esse material, a Plataforma de Ensino Eleva (2019; 2022), fui sumariamente advertida de que era preciso seguir rigorosamente as datas determinadas para os módulos (equivalentes ao que podemos chamar de capítulos ou unidades didáticas); caso contrário, “eu estaria perdida”, pois tudo iria ficar muito confuso e, muito provavelmente, eu não conseguiria me reorganizar.

De fato, ao iniciar o ano letivo, os professores recebem uma espécie de calendário que estipula as datas em que as unidades didáticas devem ser trabalhadas (uma por semana). Tal calendário está atrelado ao cronograma de avaliações externas, elaboradas e aplicadas pela própria Plataforma Eleva, e antecipa quais unidades didáticas serão cobradas nos exames chamados de ‘simulados’, os quais compõem o conjunto de dispositivos de avaliação da escola. Ou seja, como alguns deles valiam nota, muito provavelmente essas avaliações tinham importância para os estudantes.

O treinamento oferecido às centenas de professores das escolas-parceiras presentes no Centro de Convenções Sul América ocupou-se, na primeira parte do evento, de uma palestra motivacional dada por um medalhista olímpico. Na segunda parte do encontro, tratou-se de apresentar as “novidades”³ presentes no material produzido para o segundo segmento do ensino fundamental, de acordo com as áreas em que foram divididos os subgrupos de professores.

Ficou explícito que o objetivo do encontro era o de treinar aplicadores de um material (e motivá-los a utilizá-lo) que se propunha como excelente, que pretensamente facilitaria a vida dos professores, que prescrevia aquilo que o público-alvo precisava saber e a forma

² Sobre materiais didáticos, utilizo as palavras de Circe Bittencourt (2008, p. 296) que assim os define: “os materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina”.

³ As novidades se referiam às prescrições estabelecidas pela versão homologada da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino fundamental. No encontro, nos informaram que as “novidades” nos materiais para o ensino médio ainda estavam em processo de acabamento, uma vez que a versão final da Base para este segmento havia sido homologada há pouco tempo, em dezembro de 2018.

como deveria ser ensinado. Naquele momento eu iniciava as reflexões sobre uma possível disputa entre o que o material prescreve que o estudante precisa saber e o que se quer saber, de acordo com suas demandas específicas. Quer dizer, eu começava a me questionar sobre a ausência de liberdade de professores e alunos poderem decidir que tópicos do material teriam mais ênfase, sobre a ordem e a forma como os assuntos seriam abordados, isso porque acredito que algum grau de autonomia desses atores é importante e necessário.

Mas, foi a partir da primeira leitura mais atenta do material, quando tentava preparar uma aula para estudantes do ensino médio, que cheguei ao ápice da angústia causada pelo cerceamento da liberdade que eu considerava ter para compartilhar saberes sobre a língua espanhola da forma como a vejo e acredito ser um dos caminhos a serem seguidos no ensino de uma língua adicional⁴, ou seja, o estudo baseado no uso efetivo da língua em situações reais de interação linguística. Associo-me a uma compreensão que privilegie - mais que o domínio do sistema linguístico como estrutura isolada - o uso que o falante faz dessa língua, em sua prática social e cotidiana, e todos os aspectos socioculturais que envolvem esse sujeito: o contexto comunicativo, o gênero discursivo, o momento sócio-histórico etc., já que, segundo Bakhtin (2004, p. 93), a língua, “como sistema objetivo de formas normativas e intocáveis”, não passa de mera abstração.

Na contramão dessa noção, o material em questão é engessado e traduz uma visão de língua há muito questionada pela academia e que já deveria ter sido ultrapassada. Trata-se de uma concepção fragmentada, exclusivamente abstrata de língua, em que enunciados são inventados, existem listas de palavras soltas a serem implicitamente memorizadas e prevalência de exercícios que convidam o aluno a preencher lacunas.

Naquele momento, nascia, junto com a angústia e a revolta, meu projeto de pesquisa de doutorado. Eu me perguntava como um material didático com um valor de mercado tão alto poderia ter uma proposta pobre e ultrapassada no que se refere ao ensino de espanhol como língua adicional. Questionava-me, ainda, se aquele material poderia ir ao encontro de alguma necessidade da comunidade a qual estava destinado: alunos de ensino médio que poderiam almejar prestar os exames de seleção para universidades que oferecem o espanhol

⁴ Dou preferência ao termo língua adicional, em lugar de língua estrangeira, em consonância com as ponderações de Cardoso (2017), que nos recorda que o Brasil é um país multilíngue, dada a diversidade de línguas indígenas e de imigrantes faladas em diversas partes do país. Nessa concepção, o termo *estrangeiro* poderia se aplicar a qualquer língua aqui falada, inclusive o português. Entretanto, conforme defendo ao longo desta tese, especialmente na seção destinada às análises, vê-se que a abordagem disposta na apostila produzida pela Plataforma Eleva não atende as características de uma perspectiva de língua estrangeira, tampouco de língua adicional.

como opção de língua: atualmente, o ENEM e o vestibular da UERJ, no Rio de Janeiro, por exemplo⁵.

As discussões empreendidas nas reuniões do grupo de pesquisa, recentemente denominado ANACARDIS, liderado pelos professores Bruno Deusdará, Décio Rocha e Poliana Arantes, me ajudaram a ampliar as possibilidades de leituras sobre as implicações provenientes das relações estabelecidas com este tipo de material. Uma dessas possibilidades está intimamente atrelada à lógica capitalista de venda de materiais didáticos, ou seja, à lógica do mercado em uma dinâmica circular de legitimações pelas instituições que regem a educação básica pública.

Embora não sejam submetidos ao Programa Nacional do Livro Didático⁶ (PNLD), algumas secretarias de educação utilizam materiais apostilados - conforme aprofundo no item 3.2 - em lugar de aderir ao programa governamental de distribuição de livros didáticos⁷. Dessa forma, esses materiais ganham espaço na esfera pública, garantindo às grandes empresas a conquista do melhor cliente que poderiam ter, já que o governo brasileiro é o maior comprador de livros didáticos do país (CASSIANO, 2007).

Nessa época de amadurecimento do projeto de pesquisa, exercendo o papel de mãe de estudante do ensino fundamental e conversando com companheiras e companheiros docentes, era possível perceber um forte movimento de algumas escolas em não se empenhar mais em inaugurar novas filiais, objetivando aumentar o número de matrículas e, conseqüentemente, a lucratividade. Esses grupos empresariais têm apostado na estratégia de captar escolas parceiras, com as quais firmam contrato de utilização de materiais didáticos produzidos em larga escala.

Tal tendência já é observada por Adrião et al. (2009, p. 810) há bastante tempo. As autoras destacam que o interesse do grande capital já não estava voltado à “aquisição do

⁵ Embora o ENEM ofereça o espanhol, juntamente com o inglês, como opção de língua adicional, existe a ameaça à extinção do relativo plurilinguismo praticado atualmente, com a proposta de retirar o espanhol desse exame. Publicada em 17/03/2022, a Minuta do Parecer do Novo ENEM recomenda a “avaliação da Língua Inglesa como língua obrigatória na segunda etapa do ENEM”, sob a alegação de adequação da prova ao Novo Ensino Médio, baseando-se em referências internacionais. A proposta prevê a aplicação do novo ENEM em 2024. Informações disponíveis em: <https://bit.ly/39qdfaG> Acesso em: 17 mai. 2022.

⁶ O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), iniciado em 1989, é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias [...] de apoio à prática educativa [...] às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. Dados obtidos por meio do site disponível em: <https://bit.ly/3ymVK3N> Acesso em: 27 jan. 2021.

Para aprofundamento sobre o funcionamento do PNLD, sugiro conferir o trabalho de Cassiano (2007).

⁷ Segundo reportagem da Gazeta do Povo (<https://bit.ly/3wmWEO0>), em 2017, 77 municípios preferiram oficialmente deixar de receber de graça livros didáticos [pelo PNLD] para comprar sistemas de ensino apostilados, informações que podem ser conferidas no site: <https://www.fn.de.gov.br/simad/consultaTermosEntregues.do> Acesso em: 17 mai. 2022.

patrimônio físico das concorrentes”, ou seja, incorporação de escolas de menor porte, por exemplo, pois isso implicaria a aquisição de seus respectivos custos. Ao contrário, “bastava assegurar a compra reeditada anualmente dos serviços oferecidos pelas redes: a terceirização do processo pedagógico se instalava” (ADRIÃO et al., 2009, p. 810), com a venda dos materiais que ora passo a chamar também de sistemas de ensino.

Esses materiais, compostos pelos ‘kits’, parecem seguir um modelo que supostamente reflete a identidade de quem o produz, numa dinâmica de silenciamento da voz do sujeito-autor. Em outras palavras, parecem pretender se instituir como Sistema de Ensino X, mas é como se tivessem uma autoria institucional, pois o autor é a própria rede que os elabora⁸ e os vende, dentre os quais cito: Plataforma de Ensino Eleva, Sistema PEC de Ensino, Sistema de Ensino PH, Sistema Mackenzie de Ensino, entre outros. Logo, parece-me, como aponta Arantes (2018), que estamos diante de um processo de institucionalização dos saberes, no qual a instituição que elabora o material advoga para si o poder de impor quais conhecimentos serão trabalhados em sala de aula, uma vez que os seleciona, dando vez a uma relação vertical de ensino-aprendizagem⁹.

A tensão oriunda da reflexão sobre essas questões amplificou meu interesse pela pesquisa voltada para os projetos de mercantilização da educação, buscando relacionar o material didático, produzido pela Plataforma Eleva, a uma lógica que parece investir na privatização do conhecimento produzido nas escolas, ou melhor, por “especialistas” alheios ao cotidiano escolar, que, em muitos casos, nunca pisaram numa sala de aula. Tal privatização ocorre, já que, no contexto das escolas privadas, só terão acesso ao material - e a esses saberes - os sujeitos que puderem pagar por ele. Entretanto, essa produção é algo que pode ser contestado, porque boa parte do conteúdo veiculado no material está disponível na Internet. Quer dizer, privatiza-se - e vende-se como mercadoria - algo cuja propriedade se dispersa, é praticamente coletiva, no âmbito da Internet.

⁸ É importante salientar que, por meio de uma rápida observação, nota-se que tais sistemas de ensino são formados por um acúmulo de textos, exercícios e questões de concursos anteriores disponíveis em páginas diversas na Internet, muitas vezes, sem a devida referência, por isso questiono a legitimidade da autoria desses materiais.

⁹ Explícito que meu entendimento sobre este campo não se esgota no uso deste termo, uma vez que, atualmente, o conceito educação linguística propõe um entendimento bem mais abrangente sobre a área. Entretanto, decidi não me debruçar sobre o assunto de forma a desenvolvê-lo e, por isso, optei por manter o uso de ‘ensino-aprendizagem de línguas’ e variantes similares. Cabe destacar que os conceitos de educação linguística e de língua adicional se aproximam da perspectiva defendida ao longo desta tese e se distanciam da proposta homogeneizadora da BNCC e do material analisado, orientados tanto em direção ao ensino de estruturas isoladas e desconectadas da realidade dos sujeitos, quanto à invisibilização dos conhecimentos de estudantes e professoras/es.

O olhar desses “especialistas” direciona-se exclusivamente para a perspectiva lucrativa, num processo homogeneizante, que parece ser subsidiado por dispositivos como a BNCC que, diferentemente de outros documentos orientadores da educação básica nacional - como Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN (BRASIL, 1998) e Orientações Curriculares Nacionais para o ensino médio, as OCNem (BRASIL, 2006) -, prescreve os conteúdos a serem trabalhados como se fosse possível estabelecer um padrão nacional a ser perseguido em uma realidade educacional tão diversa como a brasileira.

Até esta época, antes de iniciar o trabalho na citada escola, eu só havia tido contato com um material de ensino semelhante atuando como mãe de aluna do ensino fundamental do segundo segmento matriculada em escolas privadas. Inclusive, como mãe e cliente, sempre considerei infalível a estratégia de venda empreendida pelas escolas ao coagir os pais e responsáveis que, contratando os serviços educacionais, adquirem, em anexo, a obrigação de comprar os kits exclusivamente nos estabelecimentos, submetendo-se ao preço e às condições de pagamento impostos pelas instituições de ensino.

Nesse contexto, o mercado não é tão livre para o cliente, pois apenas as instituições são livres para estabelecer as regras de negociação. Os pais dos alunos não têm a liberdade de escolher onde comprar os materiais, já que são vendidos - em alguns casos, são também produzidos - pela instituição contratada, a princípio, para vender um serviço, não um produto, o que poderia configurar a chamada venda casada, ferindo o Código de Defesa do Consumidor, não fosse a exclusividade da oferta do material por parte da escola.

Como professora, lidando semanalmente com aquele material, cujo uso era exigido não só pelo colégio, mas pela expectativa dos pais que pagam caro por ele¹⁰, se levarmos em consideração o contexto socioeconômico da região em que está situada a escola¹¹, eu me via em uma situação conflituosa: obedecer à norma escolar de utilização do material didático, para não ser advertida ou mesmo demitida, ou resistir a esse plano de forças que restringe o trabalho do professor, conformando (e deformando) sua subjetividade e conduzindo sua prática pedagógica a partir da lógica empresarial.

¹⁰ Desconheço o valor cobrado pelo material na escola em que trabalhei, mas, em 2017, minha filha se submeteu à prova para aquisição de bolsa de estudos no Colégio Elite (que faz parte do grupo Eleva Educação, conforme explico no item 3.3), unidade Nilópolis. O valor do “kit pedagógico” a ser adquirido em 2018 era de R\$ 1698,00, para o segundo segmento do ensino fundamental; e R\$ 1999,00 para a 1ª e 2ª séries do ensino médio.

¹¹ Dados a que tive acesso dão conta que, em 2019, o salário médio mensal era de 1.8 salários-mínimos em São João de Meriti, região em que se localiza a escola onde trabalhei com o material analisado. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, havia 35.4% da população nessas condições, o que colocava o município na posição 38 de 92 dentre as cidades do estado e na posição 3484 de 5570 dentre as cidades do Brasil. Dados disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-joao-de-meriti/panorama> Acesso em: 07 abr. 2022.

Retorno à perspectiva assumida neste trabalho que revela minha implicação direta com o objeto de pesquisa, já que não me proponho a realizar uma observação fria de um objeto exterior a mim. Na verdade, acredito que pesquisador e objeto pesquisado se imbricam de tal forma que manifestam uma transformação mútua.

Assumo a posição de professora-pesquisadora - e mãe - e percebo-me profundamente implicada, porque a vida não acontece linearmente, de forma que possamos separar em caixas nossos empreendimentos, vínculos, afetos, espaços sociais de existência. Logo, não há como dissociar a vida da pesquisa acadêmico-pedagógica, tampouco da prática docente. Nesse sentido, cito as contribuições de Coimbra e Nascimento (2007, p. 3), acerca do conceito de implicação, para esclarecer que, embora a implicação não seja um ato voluntário, não prescinde o olhar crítico e científico sobre o objeto. Na voz das autoras:

porque implicado sempre se está, quer se queira ou não, visto não ser a implicação uma questão de vontade, de decisão consciente, um ato voluntário. Ela encontra-se no mundo, pois é uma relação que sempre estabelecemos com as diferentes instituições (...). (COIMBRA; NASCIMENTO, 2007, p. 3)

Coimbra e Nascimento (2007, p. 3) falam de “análise de implicações e não apenas de implicação”, o que nos convoca tanto a nos vermos como implicados com a pesquisa quanto a estarmos em processo de reflexão sobre o nível de implicação a que estamos sujeitos. Isso pressupõe a análise de elementos que, ao mesmo tempo, atravessam o objeto e constituem o sujeito que o interroga e participa de sua intervenção por meio da pesquisa.

Minha prática como professora de espanhol da rede privada, que era obrigada a utilizar um material didático no qual não acreditava, produziu em mim subjetividades que me incitaram a problematizar a questão nesta tese. Afinal, segundo Miranda e Soares (2009, p.413), “a subjetividade [...] não coincide com o sujeito porque este é apenas um efeito das articulações às quais as ideias estão submetidas”. Concebo-me, portanto, como um efeito das articulações que ocorrem no cotidiano escolar às quais meu intelecto se submete permanentemente, já que não há “subjetividade substancializada e imanente”, pois esta “é forjada no seio do *socius* e constitutiva de uma filosofia do acontecimento, localizada no eixo horizontal do pensamento” (MIRANDA; SOARES, 2009, p. 413).

E, com relação às experiências no cotidiano escolar, como discursivista, acredito que é preciso desnaturalizar o que parece já ter sido cristalizado como comportamentos e fatos dados. Não existe o dado, mas o que se constrói discursivamente, situado num tempo e lugar

específicos. Práticas discursivas¹² em torno da má remuneração do professor levam à naturalização dessa questão, o que produz outras práticas discursivas que vão gerar outras tantas naturalizações comumente reiteradas, num efeito cascata: que esse professor precisa trabalhar em múltiplos lugares e que, por isso, não pode produzir seu material de ensino, seja por inabilidade ou por falta de tempo. A partir daí, naturaliza-se a presença em sala de aula de materiais didáticos prontos, homogêneos - que visam à homogeneização de sujeitos e práticas docentes e discentes - imputados ao professor, de cuja imposição o docente nem se dá mais conta, em função dessa naturalização.

O cenário de desvalorização da atividade docente que leva à vinculação do professor a várias instituições de ensino, lamentavelmente, é real. Entretanto, defendo que não é cabível naturalizar esses processos; é preciso se desprender do estado de anestesia, construir consciência sobre essa pauta e continuar lutando por melhores condições de remuneração e de trabalho. Além disso, valho-me do trabalho de Arantes (2018) para destacar que a presença do livro didático¹³ (LD) nas salas de aula não é algo natural, mas construído historicamente.

Estou de acordo com a autora quando diz que é preciso discutir sobre essa problemática, pois os livros didáticos têm assumido uma posição central nas aulas. O mais grave é que, comumente, o uso desse tipo de material tem estado a serviço da lucratividade das empresas que os produzem e os vendem e não necessariamente a serviço do atendimento às demandas de seu público-alvo, que nunca é homogêneo, uma das características marcantes desses materiais.

Naturalizar a presença obrigatória do LD em sala de aula significa admitir que tanto aluno como professor dependem dele para que o processo educacional aconteça e isso pode comprometer a subjetividade, criatividade e liberdade desses atores. Na voz da autora:

problematizar essa relação ‘natural’ entre o professor e o livro didático significa investir em uma aproximação do professor com sua prática para reconhecer a interação com os alunos como ponto imprescindível para a elaboração de suas aulas e materiais didáticos, colocando, assim, em suspenso, as formas prévias e sínteses elaboradas com base nos especialismos da área, que muitas vezes estão distantes das realidades que encontramos em nossas salas de aula. (ARANTES, 2018, p. 3, grifo da autora).

Questiono essa pretensa autoridade de “especialistas” da área produtores de materiais que se definem como adequados para todos os contextos educacionais e que, portanto, desconsideram as especificidades de cada grupo situado em tempo e lugares distintos, e as

¹² Um dos conceitos chave nesta pesquisa é o de prática discursiva, o qual é aprofundado no capítulo 2 deste texto.

¹³ Neste texto, livro didático é compreendido como um dos objetos que forma o conjunto maior dos materiais didáticos.

demandas que surgem da interação cotidiana entre professor e aluno. Tais “especialistas” assumem uma autoridade de selecionar os conteúdos e prescrever a maneira como devem ser abordados, determinando datas em que devem ser ensinados e as formas de avaliação previamente indicadas e formuladas por entes alheios ao processo de ensino-aprendizagem - daquela determinada escola - conforme exemplifica o calendário recebido pelos professores na escola mencionada no início desta introdução.

Reconheço que um recorte de conteúdos deve ser feito, e o material didático é útil nessa perspectiva para oferecer uma possibilidade de direcionamento ao docente. Minha oposição se dirige ao hermético pacote: a imposição inflexível desse recorte, o estabelecimento de uma metodologia igualmente rígida e a obrigação de se seguir rigorosamente um calendário vinculado a avaliações que não foi o professor da turma que formulou.

Nesse contexto, os sistemas de ensino parecem autoproclamar-se como os grandes “salvadores da pátria”, como se fossem a solução dos problemas educacionais. Arrisco-me a afirmar que a propagação de materiais dessa natureza resvala também nos sentidos depreciativos que se atribuem ao processo de formação dos professores. Ou seja, pode direcionar uma concepção de que a formação universitária é deficitária - no que se refere à reflexão sobre sua prática pedagógica e elaboração de materiais de ensino - para a qual os materiais didáticos produzidos por tais “especialistas” seriam a grande solução.

Outrossim, a disseminação desses materiais de ensino, por meio das parcerias firmadas, também aponta para a produção do sentido de que o professor não precisa mais ter o trabalho de produzir seu material, pois este já está pronto e se apresenta como perfeito e suficiente, bastando aplicá-lo. Esse sentido pode estar também contribuindo para a preservação da lógica de que o professor pode continuar mantendo 4, 5 ou mais vínculos empregatícios (como eu, até abril de 2019), já que o tempo que ele dispensaria preparando seu material didático pode ser ocupado por mais um desses empregos. Nesse cenário, o professor precisa apenas aplicar um material que já vem pronto e que assume legitimidade por ter sido elaborado por “especialistas” da área. Entretanto, defendo, assim como Leffa (2016), que o professor é quem tem mais condições de identificar e atender às necessidades e interesses de seus estudantes, produzindo seu próprio material didático.

Retomo as palavras de Arantes (2018, p.26) ao destacar que “os livros didáticos são produtos comerciais e se situam como difusores de políticas, sejam elas linguísticas ou de outra espécie”, neste caso, acredito que pretendem disseminar uma política tanto linguística quanto de mercado, conforme discussão apresentada ao longo deste texto.

Conforme eu avançava no compartilhamento e construção de saberes nas aulas das disciplinas do curso de doutorado, fui afinando o olhar em direção ao *córpus* de investigação. A princípio, o material didático se apresentava como o protagonista de meu interesse, principalmente por conta da concepção de ensino de língua que veicula. Contudo, percebi que este material é apenas um efeito da lógica capitalista que subjaz à sua produção e disseminação, por isso há um investimento neste trabalho em discutir questões relacionadas à entrada do capital privado na rede pública, à maneira como o mercado privado infiltrou-se na política para facilitar tal entrada e à aquisição e uso de materiais apostilados pelas redes públicas. Ao longo da discussão, busco mostrar como essas conexões convergem para a situação da educação pública atual e que consequências são previsíveis a médio e longo prazo.

Nesse sentido, proponho-me a analisar o conjunto textual que compõe o material didático de espanhol, versão do professor, produzido pela Plataforma Eleva destinado a alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola situada na Baixada Fluminense. O problema de pesquisa foi formulado com vistas a identificar as bases do projeto de educação que está subjacente ao *córpus* selecionado, assim como a quem interessa e a quem se destina tal empreitada. Esse problema me levou a refletir sobre algumas perguntas de pesquisa, que podem ser assim organizadas: i) que desdobramentos podem emergir dessa concepção de educação no contexto educacional brasileiro? ii) que impacto(s) esse tipo de material pode promover no trabalho do professor? iii) que relações podem ser estabelecidas entre materiais desse tipo e a BNCC? Assim, o objetivo geral desta tese orienta-se no sentido de identificar o projeto de educação veiculado por materiais didáticos de grandes redes de ensino e os interesses subjacentes à sua produção e disseminação, e os objetivos específicos estão assim discriminados:

- definir e caracterizar o dispositivo material didático para situar o *córpus* de investigação;
- mapear os contextos de surgimento do material que constitui o *córpus* em análise e suas conexões com as instituições que o mantêm, como a Fundação Lemann;
- identificar as práticas discursivas que fazem emergir e alicerçam as comunidades discursivas em torno da produção e uso do material que compõe o *córpus*;
- analisar discursivamente, a partir da perspectiva da semântica global e do conceito de epistemicídio, o modo de organização do *córpus* relacionando-o com a perspectiva de língua e de ensino de língua subjacente;
- dar visibilidade aos efeitos produzidos pelo alcance desse tipo de material às camadas menos favorecidas da população educacional;

- identificar os efeitos produzidos pela prescrição do trabalho docente por meio da análise do *córpus* selecionado.

Além desta introdução, esta tese está composta por quatro capítulos: no primeiro, procuro explicar no que consiste a concepção neoliberal na educação, como o setor educacional tem sido disputado pelos mercadores da educação como mais um promissor nicho de mercado e a maneira pela qual a legislação tem servido de suporte para reformas educacionais que inserem a educação dentro do mercado, além de situar o *córpus* analisado no âmbito do PNL D. No segundo capítulo, apresento os percursos teórico-metodológicos no que se refere ao campo em que se insere esta tese, notadamente, a análise do discurso de base enunciativa, e a cartografia como arcabouço epistemológico no qual se alicerça este trabalho, além de apresentar a categoria que serve de base para as análises empreendidas, a semântica global. No capítulo três, apresento o caminho que me direcionou para as análises, ou seja, algumas pesquisas a que tive acesso e que dialogam com a temática em questão, num movimento de buscar as articulações e conexões possíveis com a argumentação que desenvolvo e bases para reflexões sobre o tema. Além disso, procuro contextualizar e caracterizar o objeto de estudo, a Plataforma Eleva de ensino, explicitando os vínculos com a Fundação Lemann e as conexões que esta fundação possui com outros entes que, de alguma forma, se associam a este trabalho. No capítulo quatro, apresento as análises relacionadas aos recortes que fiz no material, ou seja, as observações direcionam-se à mensagem ao docente, ao guia do professor, ao gabarito comentado, à abordagem do conteúdo e à função dos exercícios; por fim, apresento as considerações finais em que me proponho a refletir sobre os afetos e deslocamentos que esta pesquisa produziu em mim, e que proveitos espero que os leitores e a comunidade acadêmica retirem dela.

Neste ponto, aproveito para advertir ao leitor que algumas seções deste texto ficaram mais longas do que o esperado, o que, a princípio, me incomodou um pouco. Entretanto, para não interromper o fluxo do processo cartográfico, a partir do qual procurei escrever o texto, preferi manter tal desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, Theresa et al. Uma modalidade peculiar de privatização a educação pública: a aquisição de “sistemas de ensino” por municípios paulistas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 108, p. 799-818, out. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3bPJwZY> Acesso em: 20 jun. 2022.
- ADRIÃO, Theresa. **Dimensões da privatização da Educação Básica no Brasil: um diálogo com a produção acadêmica a partir de 1990.** [Meio Eletrônico]. Brasília, ANPAE, 2022.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? Trad. Nilcéia Valdati. **Outra Travessia.** Santa Catarina, n. 5, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743> Acesso em: 03 mar. 2023.
- AGUIAR, Denise Fernanda de. **O material apostilado no ensino de ciências da natureza nos anos iniciais do ensino fundamental: o que pensam os professores.** 2019. 143 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, SP. 2019.
- ALMEIDA, Fábio Sampaio de. Epistemicídio. In: MATOS, D. C. V. da S.; SOUZA, C. M. C. L. L. de (org.). **Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras.** Prefácio de Claudiana Nogueira de Alencar. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- ANFOPE. **Documento Final do 18º Encontro Nacional.** Goiânia, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3UL8Ke0> Acesso em: 28 set. 2022.
- ANJOS, Grazielle Ferreira dos. **Programa Rio Criança Global: uma política de línguas neoliberal.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- APARICIO, Ignacio Ahijado. Traducción, epistemicidio e interculturalidad. **Revista Iberoamericana de Lingüística: RIL**, n. 12, p. 103-122, 2017.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da educação.** 2.ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARANTES, Poliana Coeli Costa. Imagens de aprendizes de ALE em livros didáticos e o disciplinamento dos saberes. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 21, n. 34, p. 1-30, maio/ago. 2018.
- BANCO MUNDIAL. **Aprendizagem para todos: investir nos conhecimentos e competências das pessoas para promover o desenvolvimento.** Washington: Banco Mundial, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3E0Z9Kc> Acesso em: 28 set. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. PASSOS, E. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BECK, Maurício e ESTEVES, Phellipe Marcel da S. O sujeito e seus modos – identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. **Leitura**, Maceió, n. 50, p. 135-162, jul./dez. 2012.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Alain Choppin e seu legado como historiador e educador. *In*: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático**. São Paulo: Editora Unesp, Marília: Oficina Universitária, 2014. p. 43-60.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1993 Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Em foco: história, produção e memória do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 2004, v. 30, n. 3. p. 471-473.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União. Brasília, 17 de fevereiro de 2017. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://bit.ly/3ReJLOr> Acesso em: 06 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://bit.ly/3OJrl6K> Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Linguagens código e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3OM2Khv> Acesso em: 23 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/3yKHseC> Acesso em: 23 jun. 2022.

BRASIL. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. MEC, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3P3Xhm4> Acesso em: 23 jun. 2022.

BRASIL, SEB/MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão Final. Brasília, DF, SEB/MEC, 2018.

BRASIL, MEC/SETEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio): Linguagens, Códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL, Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005. **Dispõe sobre o ensino da língua espanhola**. Revogada pela Lei n. 13.415/17. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 08 ago. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111161.htm Acesso em: 16 jun. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 04 out. 2022.

CAIMI, Flávia E. O livro didático: algumas questões. *In*: DIEHL, Astor Antônio (org.). **O livro didático e o currículo de história em transição**. Passo Fundo: Edupf, P. 25- 109, 1999.

CAMPOS, Rodrigo da Silva. “**Eu acho essas atividades muito infantis**”: concepções de ensino e imagens de infância em livros didáticos de espanhol para crianças. Tese (doutorado). UERJ, Rio de Janeiro, 2020.

CARDOSO, Janaína da Silva. Associações de professores e atuais políticas linguísticas para o ensino de línguas adicionais: estratégias e desafios. *In*: GULLO, A; BALGA, L. C. (org.). **Políticas linguísticas e ensino de LE no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017, p. 19-38.

CARIELLO, Lisia. Aparelhos privados de hegemonia empresariais: os casos da Fundação Estudar e da Fundação Lemann. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH, 19., 2020, Rio de Janeiro. **Anais Rio-História do Futuro: ensino, pesquisa e divulgação científica**. Rio de Janeiro: [ANPUH], 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) - Feusp, 2005.

CARVALHO, Andreia Araújo de. **Todos pela educação?** Uma construção de sentidos sobre educação em uma esfera empresarial. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Aspectos políticos e econômicos da circulação do livro didático de História e suas implicações curriculares. **História**, São Paulo, v. 23, 2004.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Reconfiguração do mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 281-312, jul./dez. 2005.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **O mercado do livro didático no Brasil: do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - PUCSP, São Paulo, 2007.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Política e economia do mercado do livro didático no século XXI: globalização, tecnologia e capitalismo na educação básica nacional. *In*: ROCHA, H., REZNIL, L., MAGALHÃES, M. de S. (org.). **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

CÁSSIO, Fernando. Os impactos da BNCC na Educação Básica e no Trabalho Docente. *In: Live III – XIII Seminário nacional de formação de professores*. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4b9O4OLfPyU> Acesso em: 03 out. 2022.

CÁSSIO, Fernando. Existe vida fora da BNCC? *In: CÁSSIO, Fernando; CATELI JR, Roberto. (org.) Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC*. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 2004, v. 30, n. 3, p. 549-566.

CHOPPIN, Alain. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *Revista História da Educação*, v. 13, n. 27, p. 9-75, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3ffL6pA> Acesso em: 28 set. 2022.

CHOPPIN, Alain. Políticas dos livros escolares no mundo: perspectiva comparativa e histórica. *Revista da História da Educação*, Goiás, v.12, n. 24, 2008 jan./abr. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29225> Acesso em 5 abr. 2023.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político. *In: ARANTES, E. M. M.; NASCIMENTO, M. L.; FONSECA, T. M. G. (org.). Práticas PSI inventando a vida*. Niterói, RJ: EdUFF, 2007, p. 27-38.

CRISTÓVÃO, Leandro da Silva Gomes. A escrita acadêmica e o falar de si: um debate sobre neutralidade na área dos estudos aplicados da linguagem. *In: SILVA JÚNIOR, Antonio Ferreira da (org.). Conversas sobre ensino de línguas durante a pandemia*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 98-112.

DAHER, Maria Del Carmen; FREITAS, Luciana Maria Almeida de; DE ALBUQUERQUE SANT'ANNA, Vera Lúcia. Breve trajetória do processo de avaliação do livro didático de língua estrangeira para a educação básica no âmbito do PNLD. *Eutomia*, Recife, v. 1, n. 11, 2013.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3AuUi1T> Acesso em: 25 mai. 2022.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial*. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. v. 1, 688 p.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? *In: DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariana*. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Ed. Vega – Passagens, 1996..

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, [1995] 2000. 94 p.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Análise cartográfica do discurso**: temas em construção. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2021.

DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; ROCHA, Décio. Cruzando fronteiras: a promoção de direitos com refugiados nas práticas de ensino de línguas. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 42, p. 268-288, 2017.

DUBOC, Ana Paula Martinez. **Atitude curricular**: letramentos críticos nas brechas da formação de professores de inglês. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FERRARO, Juliana Ricarte. A produção dos livros didáticos: uma reflexão sobre imagem, texto e autoria. **Cadernos do CEOM**, ano 25, n. 34, 2011. Arquivos e tecnologias digitais. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/973/542> Acesso em: 30 mar. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. Coord. Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FERREIRA, Camilla dos Santos. Da Língua Estrangeira Moderna à Língua Inglesa: reflexões sobre as mudanças no ensino de línguas no país. *In*: GUIRRA, E.; KELECOM. K.; MORAES, L.; MONTEIRO, L. (org.). **O francês como espaço plural**: perspectivas de atuação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 39-65.

FERREIRA, Charlene Cidrini. Trabalho do professor e o caráter prescritivo das dicas na internet. **CIFEFIL**, Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, v. 12, n. 6, 2008.

FILGUEIRAS, Juliana Miranda. **Os processos de avaliação de livros didáticos no Brasil**: (1938-1984). 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo**: teoria e história. 3ed. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.

FONTES, Virgínia. Capitalismo filantrópico? Múltiplos papéis dos aparelhos privados de hegemonia empresariais. **Marx e o Marxismo** – Revista do NIEP-Marx, v.8, n.14, p.15-35, jan.-jun./2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo, Expressão Popular, 2018.

FREITAS, Luciana Maria Almeida de; ALBUQUERQUE, Carolina Tovar. Produção escrita em livros didáticos de espanhol: uma análise de coleções aprovadas no PNLD. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, p. 1221-1263, 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 93-130, abr. 2003.

GALLART, Isabel Solé. **Estrategias de lectura**. [S.l.]: Graó, 1992.

GERALDI, João Wanderley. A propósito dos ensinantes e do ensino da língua: uniformizar os discursos e garantir o controle. *In*: SOUZA, S. C.; PILAR ROCA, M; PONTE, A. S. (org.). **Temas de política linguística no processo de integração regional**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p. 159-173. Disponível em: <https://bit.ly/3dNDGJR> Acesso em: 28 set. 2022.

GONÇALVES, Robson de Andrade; MUCHERONI, Marcos L. O que é epistemicídio? Uma introdução ao conceito para a área da Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, e5759, nov. 2021.

GONÇALVES, Taiana Jardim. É trabalho de preto. Emergência e insurgência da luta contra o racismo pela resignificação do discurso. **Letrônica**, v. 14, n. 4, e39761, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3yLRFrn> Acesso em: 06 jul. 2022.

JESUS, Paula Bettani. M. de. Considerações acerca da noção de afeto em Espinosa. **Cadernos Espinosanos: estudos sobre o século xvii**, n. 33, p. 161-190, 2015.

KASTRUP, Virginia. **Conversando sobre políticas cognitivas e formação inventiva de professores**. Youtube, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3bIurJw> Acesso em: 5 abr. 2022.

KASTRUP, Virgínia. **Abecedário Virginia Kastrup: Cartografias da Invenção**. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mTWns8ACYDU> Acesso em: 11 ago. 2022.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. PASSOS, E. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32 - 51.

LEFFA, Vilson J. **Língua estrangeira: Ensino e aprendizagem**. Pelotas: EDUCAT, 2016. 324p.

LEMKE, Thomas. Foucault, governamentalidade e crítica. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24, n. 1, p.194-213, 2017.

MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação. **Veredas**, v. 22, n. 1, p. 16-33, 2018.

MAIA, Bruna Soraia Ribeiro; MELO, Vico Dênis Sousa de. A colonialidade do poder e suas subjetividades. **Teoria e Cultura**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF, Juiz de Fora, v. 15 n. 2, jul. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo, Parábola Editorial. 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008 [1984].

MALERBA, Jurandir. Uma análise da Base Nacional Comum Curricular. **Café História**, 10 abr. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3SX4VRp> Acesso em: 28 set. 2022.

MARTINS, Vicente. A teoria behaviorista da aquisição da linguagem. **Solettras**, n. 15, 2008.

MEC/FNDE/SEB. **Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de coleções didáticas para o programa nacional do livro didático – PNLD 2015**.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12344-link-edital-pnld2015-em-pdf&category_slug=janeiro-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 23 abr. 2023.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIRANDA, Luciana Lobo; SOARES, Leonardo Barros. Produzir subjetividade: o que significa? **Estudos e pesquisas em Psicologia - UERJ**, Rio de Janeiro, ano 9, v.2, p. 408-424, 2009.

MOTTA, Carlos Eduardo de Souza. Indústria Cultural e o sistema apostilado. **Cadernos Cedex**, ano 21, n. 54, ago. 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3RbQqsL> Acesso em: 21 jun. 2022.

NASCIMENTO, Caique Jasley Rosa. Insurgir as epistemologias para além da lógica colonial: aproximações entre Djamila Ribeiro e Boaventura de Sousa Santos. **Frontistés – Revista Eletrônica de Filosofia e Teologia**, Faculdade Palotina, v. 16, n. 30, 2022.

NECTOUX, Andrea Lugo. Epistemicídio, Identidade e Educação: Uma reflexão crítica sobre o papel da escola na reprodução do racismo no Brasil e os auspiciosos caminhos abertos pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08. **ABATIRÁ – Revista de ciências humanas e linguagens - Universidade do Estado da Bahia**, v. 2, n. 4, 2021.

NICOLETI, João Ernesto. A lógica da terceirização do ensino por redes públicas municipais por meio da contratação de empresas privadas de ensino na região de São José do Rio Preto - SP. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 2–14, 2012. DOI: 10.21723/riaee.v6i1.4795. Disponível em: <https://bit.ly/3ah8OzU> Acesso em: 28 jun. 2022.

NICOLETI, João Ernesto. **Ensino apostilado na escola pública**: uma tendência crescente nos municípios da região de São José do Rio Preto-SP. Dissertação (mestrado) - UNESP, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://livros01.livrosgratis.com.br/cp085889.pdf> Acesso em: 06 fev. 2023.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, n. 18, p. 62-73, 2012.

OLIVEIRA, Maria Teresa Cavalcanti de. O Grupo Lemann – gênese de um projeto de educação política e educação escolar no Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 9., 2018, Campinas. **Anais...** [S.l.: s.n., 2018]. Disponível em <https://bit.ly/3AwU36L> Acesso em: 06 jul. 2022.

OLIVEIRA, Luciane Cristine Santos de. Avaliar com qualidade no processo ensino-aprendizagem: reflexões da prática docente. In: **OS DESAFIOS da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, Versão On-line ISBN 978-85-8015-076-6 Cadernos PDE, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3yocFCX> Acesso em: 04 jul. 2022.

OLIVEIRA, Nathália da Silva de. “**Para inglês ver**”? Análise linguístico-discursiva sobre o ensino de língua inglesa nas escolas municipais no âmbito do Programa Rio Criança Global (SME/RJ). 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. PASSOS, E. (org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel. O público e o privado na educação. Projetos em disputa? **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v.9, n.17, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2ra0wzF> Acesso em: 28 set. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [*et al*]. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-118.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires, 2005.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Reforma curricular e ensino. *In*: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A. de. (org.). **A BNCC e o ensino de línguas e literaturas.** Campinas, SP: Pontes Editora, 2019.

RETTICH, Juliana Silva. **Cartografia das forças criativas de resistência: escola e universidade como espaço de embate.** 2021. Tese (doutorado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RETTICH, Juliana Silva. **Do visor das salas de aula à mordça nos professores: uma análise discursiva das redes conservadoras do Escola Sem Partido – Projeto de Lei 867/2015.** Dissertação (mestrado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto. **Série Ideias**, n. 13, p. 37-42, 1994.

ROCHA, Décio. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 619-632, set./dez. 2014.

ROCHA, Décio. Cartografias em análise do discurso: rearticulando as noções de gênero e cenografia. **Delta**, 29:1, 2013, p.135-159.

ROCHA, Marisa Lopes; AGUIAR, Kátia Faria de. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

RODRIGUES, Isabel Cristina. **Debates e educação bilíngue para surdos: vozes que habitam o dizer não.** 2002. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

ROMANINI, Maristela Gallo. **Análise do processo de implementação de política: o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD.** Tese (Doutorado) - Unicamp, São Paulo, 2013.

SANTOS, Alessandra Gonçalves dos. **Políticas de ensino e alfabetização: disputas, materiais didáticos e processos de subjetivação.** 2021. 143 f. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SÁNCHEZ, Aquilino. **La enseñanza de idiomas en los últimos cien años.** Métodos y enfoques. Madrid: SGEL, 2009.

SAVIANI, Dermeval. O plano de desenvolvimento da educação: análise do projeto do MEC. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1231-1255, out. 2007.

SCHWARTZ, Yves; ADRIANO, Rufi; ABDERRAHMANE, Fyad. Revisitar a actividade humana para colocar as questões do desenvolvimento: projecto de uma sinergia franco-lusófona. **Laboreal**, v. 4, n.1, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. **Em Aberto**, Brasília, v. 16, n. 69, jan./mar. 1996.

SILVA JÚNIOR, Antônio Ferreira; ERES FERNÁNDEZ, Isabel Gretel María. Ausência da língua espanhola na Base Nacional Comum Curricular: quais implicações esperar? *In*: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A. de. (org.). **A BNCC e o ensino de línguas e literaturas**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2019.

SIMONINI, Eduardo Lopes. **Rizoma e cartografia em Deleuze e Guattari**. Youtube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f5_XEtEatAw Acesso em: 11 ago. 2022.

SIMONINI, Eduardo Lopes. Linhas, tramas, cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. *In*: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (org.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019. p. 73-92.

SILVEIRA, Adriana Dragone; MIZUKI, Vitor. Sobre a legalidade da aquisição e uso dos “sistemas de ensino privados” na educação pública. **Educação: Teoria e Prática**, v. 21, n. 38, p. 79-97, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3ydK2by> Acesso em: 20 jun. 2022.

SIQUEIRA, Ângela C de. A regulamentação do enfoque comercial no setor educacional via OMC/GATS. **Revista Brasileira de Educação**, n. 26, p. 145-184, maio/ago. 2004.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. Se o inglês está no mundo, onde está o mundo nos materiais didáticos de inglês. **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 311-354.

SOUZA, Alice Moraes Rego de. **Base Nacional Comum para quê/quem? uma cartografia de conflitos discursivos na produção de um currículo oficial**. 2019. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

SOUZA, Alice; GIORGI, Maria Cristina; ALMEIDA, Fábio Sampaio de. Uma análise discursiva da BNCC antes e depois do golpe de 2016: educação para o combate às discriminações? **Cad. Letras UFF**, Niterói, v. 29, n. 57, p. 97-116, 2. sem. 2018.

SZUNDY, Paula Tatiane Carréra. A Base Nacional Comum Curricular e a lógica neoliberal: que línguas(gens) são (des)legitimadas? *In*: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A. de. (org.). **A BNCC e o ensino de línguas e literaturas**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2019.

TILIO, Rogério. Atividades de leitura em livros didáticos de inglês: PCN, letramento crítico e o panorama atual. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 12, p. 997-1025, 2012.

TORREGO, Leonardo Gómez. **Gramática didáctica del español**. 9. ed. Madrid: Ediciones SM, 2007.

VERGNANO JUNGER, Cristina; VERGNANO, Solange de Souza. Leitura de palavra, leitura de imagem, leitura de mundo: a formação do formador de leitores. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 9, 2005. CEFIL.